

Grevistas prometem semana de protestos

Declarações de Dilma irritam sindicalistas. PF fará nova operação-padrão em Cumbica

GABRIELA VALENTE,
PAULO JUSTUS E
PAULO ROBERTO ARAÚJO
economia@oglobo.com.br

-BRASÍLIA, RIO E SÃO PAULO- As declarações da presidente Dilma Rousseff anteontem sinalizando que está mais preocupada com geração de empregos no setor privado do que com a greve dos servidores públicos irritaram ainda mais os grevistas, que se consideram preteridos nas prioridades do Executivo federal. Sindicalistas receberam com “estranheza” a fala da presidente e apostam que isso aumentará a adesão e a força do movimento. A semana — que promete ser decisiva para as negociações com a equipe econômica — começa com o tom elevado.

Neste sábado, os cariocas voltaram a enfrentar problemas no trânsito por causa de protestos da Polícia Rodoviária Federal. E a Polícia Federal

prometeu uma nova quinta-feira de caos no Aeroporto de Cumbica, o maior terminal brasileiro.

— Os trabalhadores do serviço público também contribuem para o crescimento do país — afirmou o presidente da Confederação dos Trabalhadores do Serviço Público Federal (Condsef), Josenilton Costa. — A fala da presidente vai acirrar os ânimos em vez de acalmar o movimento.

Os manifestantes prometem montar um acampamento na Esplanada dos Ministérios para aumentar a pressão na negociação com o governo. Na segunda-feira, o assunto será o primeiro tema da agenda da presidente Dilma Rousseff, em reunião com a ministra do Planejamento, Miriam Belchior.

Manifestações da PRF prejudicaram o trânsito em duas das principais vias de acesso ao Rio na manhã do sábado. Uma das pistas da rodovia Niterói-

Manilha foi interditada, na altura do km 308, em São Gonçalo, com cones e placas sinalizando a operação-padrão. Outra manifestação da PRF causou engarrafamentos na Via Dutra.

O Sindicato dos Servidores da Polícia Federal (PF) no Rio fará uma manifestação nesta segunda-feira de manhã em frente ao prédio da Superintendência da instituição, na Zona Portuária da cidade. Em São Paulo, a operação-padrão da PF em Cumbica, que provocou filas enormes no aeroporto e atrasou os voos em mais de uma hora na quinta-feira passada, se repetirá na próxima quinta-feira, dia 16, às 16h30.

— Nesse dia faremos uma assembleia para avaliar se o governo apresentou uma proposta concreta — informou Alexandre Sally, presidente do Sindpolf-SP.

Na Zona Franca de Manaus, a operação-padrão dos servi-



Ânimos acirrados. Bloqueio da Polícia Rodoviária Federal na Niterói-Manilha ontem. Semana terá mais protestos

▼ Números

R\$ 464

MILHÕES DE PREJUÍZO

Na Zona Franca de Manaus, esta foi a perda até agora com a demora na liberação de importados

25 DIAS

PARA LIBERAR MERCADORIAS

Nos portos, esta foi a demora. Normalmente, são 5 dias

dores da Receita Federal e do Ministério da Agricultura já causou um prejuízo de R\$ 464 milhões, por causa da demora para liberar insumos importados para o polo industrial. O Centro da Indústria do Amazonas (Cieam) calcula um prejuízo diário de R\$ 32 milhões por causa da greve dos servidores.

— A liberação das importações nos aeroportos, que era feita em dois dias, chegou a demorar 12 dias. Nos portos, a liberação que levava cinco ou seis dias chega a demorar 25 dias —diz Wilson Périco, presidente do Cieam.

Na próxima semana, Périco

acredita que a entrada em funcionamento do convênio do governo do Amazonas com o governo federal, que permitirá que servidores estaduais substituam os grevistas, deve ajudar a acelerar a liberação das importações.

Pedro de Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), espera melhoras para seu setor a partir de segunda-feira, depois que uma liminar do Superior Tribunal de Justiça (STJ) determinou que os fiscais agropecuários devem retornar ao trabalho. ●

Polêmica envolve a volta das hidrelétricas com reservatórios

Ambientalistas atacam o modelo, mas térmicas triplicariam poluição

RAMONA ORDOÑEZ
ramona@oglobo.com.br
BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

O setor elétrico brasileiro está travando uma discussão de deixar os ambientalistas de cabelo em pé: a possibilidade de voltar a construir usinas hidrelétricas com reservatórios. Desde o início da década passada, diante de forte campanha de ecologistas, passaram a ser construídas apenas as chamadas usinas a fio d'água, sem reservatório, que visam a reduzir os impactos ambientais. Só que isso, dizem especialistas, está levando ao aumento do preço pago pelo consumidor e, ironicamente, a mais emissões de gás carbônico (CO2).

Dados da consultoria PSR revelam que, até o fim de 2020, com a entrada em operação das usinas térmicas, que usam energia mais suja, o volume das emissões de CO2 vai mais que triplicar em relação ao início da década: passarão de 22 toneladas de CO2 para 72 toneladas para cada gigawatt por hora (GWh) consumido.

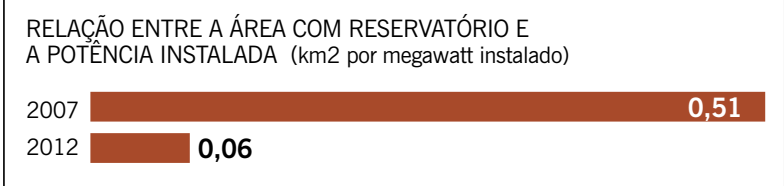
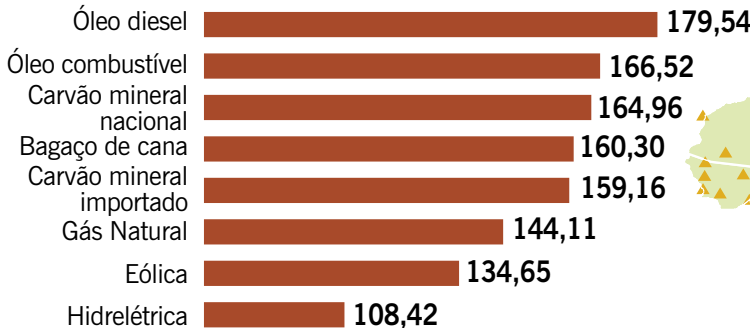
GREENPEACE: “FALSO DILEMA”

O aumento nas emissões acontece porque, nos períodos secos, de maio a outubro, as hidrelétricas são obrigadas a reduzir a geração de energia, devido à menor vazão dos rios. Como não há água suficiente nos reservatórios, o sistema tem de acionar as usinas térmicas, seja a gás, óleo combustível ou carvão, bem mais caras e poluentes. Por outro lado, além dos impactos na biodiversidade provocados pelos reservatórios, ambientalistas listam questões como a remoção de tribos indígenas. Até projetos como Belo Monte, no Pará; Jirau e Santo Antônio, em Rondônia, mesmo sendo a fio d'água, sofrem oposição.

Durante a Rio+20, em junho, o Fórum de Meio Ambiente do Setor Elétrico, que reúne 18 associações ligadas ao segmento, em conjunto com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), apresentou um documento que destacava a necessidade de o país rever a construção de usinas com reservatórios. A PSR estima que, a cada 1% de perda de capacidade dos reservatórios no país, há aumento de 23% nas emissões. Rafael Kelman, da PSR, des-

ENERGIA SUJA MAIS CARA

Preço médio da energia contratada nos leilões do governo, da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), de 2005 a 2011 (Em R\$/megawatt/hora)

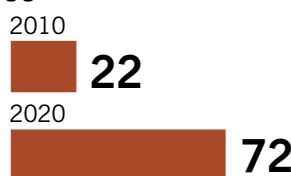


O QUE NOS ESPERA?

DE 2010 A 2020

- Estima-se uma perda de 12% na capacidade de armazenamento de água nos reservatórios em relação à capacidade instalada, com o maior número de usinas hidrelétricas a fio d'água e térmicas
- Com isso, haverá forte aumento de emissões de gases poluentes, afetando o meio ambiente

Toneladas de CO₂ por cada gigawatt/hora de consumo total



Isso significa um aumento de 23% nas emissões para cada 1% de perda de capacidade de armazenamento nos reservatórios

Fonte: Consultoria Estratégica PSR

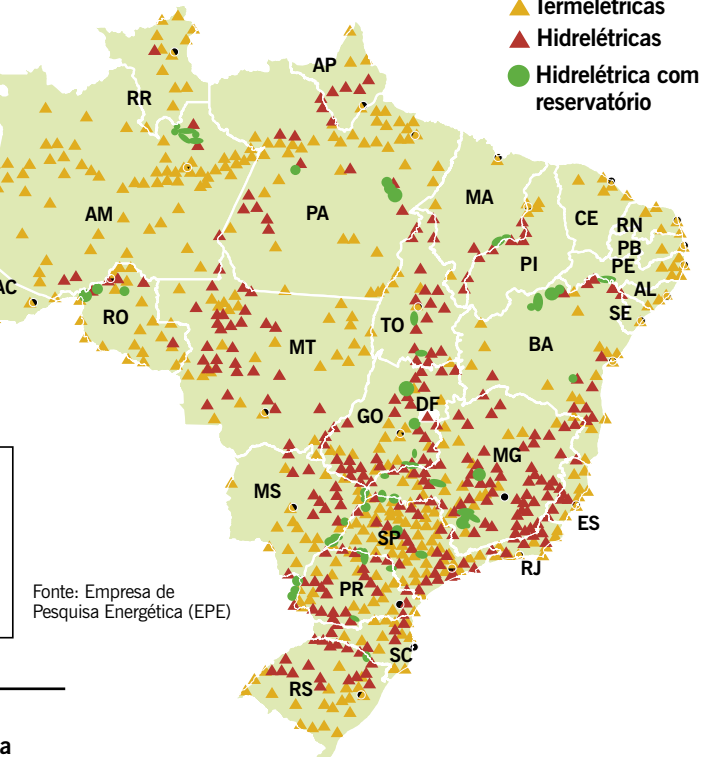


Água armazenada. Usina de Tucuruí (PA) tem reservatório da década de 70

“Em 2001, quando houve o racionamento, os reservatórios salvaram o Brasil. De lá para cá, deixamos de construí-los. Mas paga-se um preço, gerando energia com as térmicas”

Luiz Pinguelli Rosa
Diretor da Coppe/UFRJ

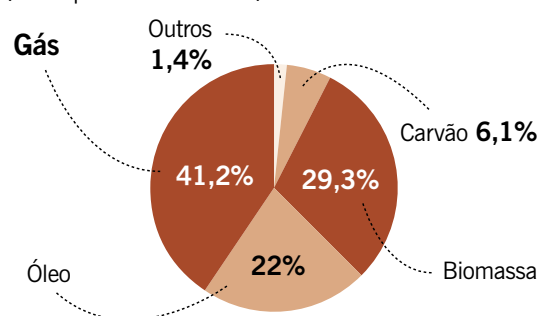
O MAPA DA ENERGIA



Fonte: Empresa de Pesquisa Energética (EPE)

PERFIL DAS TERMELETRICAS

(Por capacidade instalada)



taca que os reservatórios são fundamentais para viabilizar uma geração de energia mais limpa no Brasil, assim como as energias solar, eólica e a biomassa. Porém, segundo ele, essas fontes renováveis dependem de sol, vento e safra da cana. Assim, sem água armazenada, é preciso complementar com as térmicas:

— A discussão da volta de reservatórios é crescente, mas é preciso fazer sem estar pintado para a guerra — pondera.

RESERVATÓRIOS MENORES

Marcelo Moraes, coordenador do Fórum, também lembra que a volta de usinas com reservatórios é necessária para o país manter o elevado percentual de sua matriz energética limpa e renovável (45%). Moraes destaca que, em algumas regiões, é possível construir hidrelétricas com reservatórios não tão grandes como os construídos nos anos 70 e 80, como Tucuruí, no Pará:

— Há pouco mais de dez anos, o Brasil tinha o equivalente a quatro anos de capacidade de energia armazenada. Hoje, não chega a um ano.

Do outro lado, o Greenpeace critica o fato de o setor voltar a falar em reservatórios. Para Sérgio Leitão, diretor de Campanha da ONG, os empresários criaram um “falso dilema”. Para ele, o ideal é estimular as energias alternativas.

Segundo as contas de Moraes, se fossem explorados todos os empreendimentos na Amazônia, sem considerar áreas de preservação ou indígenas, seria alagado 1% da área e se permitiria uma geração de 120 mil megawatts (MW), quase a capacidade instalada atual do país, de cerca de 110 mil MW.

A advogada ambiental Adriana Coli diz que muitos ambientalistas já admitem discutir a volta dos reservatórios:

— Quando ocorre um período de seca muito grande, o reservatório pode liberar a água para manter a vazão do rio e, com isso, preservar as espécies, assim como também pode conter a água quando os rios estão cheios.

Carlos Maurício Ribeiro, especialista em direito ambiental, não vê necessidade da volta dos reservatórios:

— É possível combinar usi-

nas a fio d'água com energia eólica numa parte do ano, e solar, em outra. Mas a energia solar ainda é muito cara.

Para o professor Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe/UFRJ, a necessidade de construir hidrelétricas com reservatórios nunca desapareceu.

— Em 2001, quando houve o racionamento, foram os reservatórios que salvaram o Brasil. De lá para cá, deixamos de construí-los. Paga-se um preço por isso, gerando energia com as térmicas. E as renováveis têm o problema de depender do sol e do vento.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Energia Elétrica (Apine), Luiz Fernando Vianna, não será fácil negociar com ambientalistas.

— O Brasil vai ter de acrescentar 3 mil MW todo ano. Cada fonte tem sua vocação. Belo Monte só vai conseguir aproveitar 41% do potencial de 11 mil MW. Como há período de secas, a usina não gera energia o ano todo.

Procurados, o Ministério de Minas e Energia, a Empresa de Pesquisa Energética e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) não responderam.

AS POLUENTES AVANÇAM

Enquanto o setor elétrico discute a volta dos reservatórios, as térmicas a óleo, mais poluentes, ganham espaço. Dados da Aneel mostram que estão em construção no Brasil nove usinas a óleo contra seis a gás natural. Além disso, há três térmicas a carvão (todas de Eike Batista), com 1,4 mil MW. Ao todo, 40 usinas estão em construção, com potência de 5,7 mil MW.

Estudo feito pela Coppe/UFRJ revela o cenário difícil. Uma térmica a óleo emite 1,2 t de CO2 por MW/hora. Já uma usina a carvão, despeja no meio ambiente 1,3 t por MWh. Enquanto isso, numa hidrelétrica, o volume de emissões varia de 0,05 t e 0,5 t.

Já Xisto Vieira Filho, presidente da Associação Brasileira de Geradoras Termelétricas (Abraget), garante que as usinas a carvão contam com tecnologias que permitem eliminar cerca de 95% das emissões.

— Atualmente, as usinas, em períodos de secas, só geram energia durante 5,5 meses. Em seis anos, com o aquecimento da economia, esse número vai baixar para 3,7 meses. O que garante energia é térmica e reservatório. É preciso achar uma solução intermediária. ●